

ORIGENS DO CRISTIANISMO

Coleção **TEOLOGIA HOJE**

- *Ajudai a minha descrença*, William J. O'Malley
- *Creio em Deus Pai*, Andres Torres Queiruga
- *Desafios atuais para a teologia*, Urbano Zilles
- *Esperança em tempos de desespero*, Albert Nolan
- *Eucaristia (A): Jesus como alimento vivo para nós*, Luiz Antonio Miranda
- *Igreja: comunhão viva*, Paul Lakeland
- *Introdução à cristologia latino-americana: cristologia no encontro com a realidade pobre e plural da América Latina*, Alexandre Andrade Martins
- *Introdução à Trindade: para estudantes universitários*, Lynne Faber Lorenzen
- *Lumen Gentium: a transição necessária*, Antonio José de Almeida
- *Origens do cristianismo*, Eduardo Hoornaert
- *Pecado original... ou graça do perdão?*, Barbara Andrade
- *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*, Andres Torres Queiruga
- *Reencarnação ou ressurreição: uma decisão de fé*, Renold Johann Blank
- *Teologia do prazer*, Ana Márcia Guilhermina de Jesus,
José Lisboa Moreira de Oliveira
- *Um novo clima para a teologia: Deus, o mundo e o aquecimento global*,
Sallie McFague

EDUARDO HOORNAERT

ORIGENS DO CRISTIANISMO



Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenador de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Imagem da capa: *iStock*
Capa: *Marcelo Campanhã*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hoornaert, Eduardo
Origens do cristianismo / Eduardo Hoornaert. — São Paulo: Paulus, 2016. — Coleção
Teologia hoje.

ISBN 978-85-349-4408-3

1. Cristianismo - Origem 2. História eclesiástica 3. Teologia - Brasil I. Título. II. Série.

16-05132

CDD-270

Índice para catálogo sistemático:

1. Cristianismo: Origem 270

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**

Televenda: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**



1ª edição, 2016

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 · Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4408-3

*Pensar no futuro do cristianismo
implica considerar
erros e acertos de seu passado.*

SUMÁRIO

- 13 PRIMEIRAS PALAVRAS
- 17 INTRODUÇÃO: SABER LER
- 17 1. Saber ler
- 18 2. Ler criticamente
- 18 3. A Bíblia é literatura
- 19 4. O Evangelho não é puro relato
- 20 5. Palavras não são etiquetas
- 21 6. A metáfora
- 22 7. O enredo
- 23 8. O contexto
- 24 9. A leitura fundamentalista
- 24 10. Literatura e analfabetismo
- 26 11. Palavra e ação
- 26 12. Palavra e libertação
- 28 13. O Novo Testamento

Primeira Seção TRADIÇÕES

- 33 Primeira Parte: PAULO
- 33 14. A primeira literatura do movimento de Jesus
- 34 15. Como Paulo escreve
- 35 16. O silêncio dos que não contam
- 36 17. O Sopro Santo
- 37 18. O Ungido
- 38 19. A Diáspora
- 39 20. A Sinagoga dissidente
- 41 21. Helenistas em Jerusalém

- 42 22. A história de Estêvão
- 43 23. O encontro em Antioquia
- 44 24. Uma experiência de vida
- 45 25. Desobedecer
- 47 26. Ser livre
- 47 27. Amar
- 50 28. Ser universalista

51 Segunda Parte: O EVANGELHO Q

- 51 29. O Evangelho Q
- 52 30. Uma surpresa
- 53 31. O substrato camponês do Evangelho Q
- 53 32. Os camponeses despertam
- 54 33. Os camponeses sustentam o movimento de Jesus
- 55 34. Os camponeses reconhecem em Jesus o Ungido
- 55 35. Jesus, o Profeta
- 56 36. Um profeta diferente
- 56 37. Uma vitória da não violência (o ano 26)
- 57 38. “O Reino de Deus está chegando”
- 58 39. Jesus tem de se precaver

61 Terceira Parte: MARCOS

- 61 40. O escrito mais próximo de Jesus histórico
- 62 41. A língua falada por Jesus
- 62 42. Os familiares de Jesus
- 63 43. A aldeia de Jesus
- 64 44. A cultura da Galileia no tempo de Jesus
- 65 45. O temperamento de Jesus
- 66 46. Jesus estrategista
- 67 47. A arte narrativa de Marcos
- 68 48. Marcos teólogo
- 69 49. Habilidades literárias de Marcos
- 70 50. João Batista, o iniciador de Jesus
- 71 51. Entre João Batista e Jesus, as diferenças aparecem
- 72 52. A separação dos caminhos
- 73 53. Itinerários missionários
- 73 54. Jesus, um novo Elias
- 74 55. Sucesso incômodo?
- 75 56. O plano da administração romana

- 76 57. O plano de Jesus
- 77 58. A sinagoga
- 78 59. O programa
- 79 60. Uma palavra final sobre o Evangelho de Marcos

81 Quarta Parte: UM PERFIL DE JESUS DE NAZARÉ

- 81 61. Não temos conhecimento direto de Jesus
- 82 62. As dúvidas são inevitáveis
- 83 63. Líder natural e homem de ação
- 83 64. Livre
- 84 65. Afetivo
- 85 66. Tranquilo e seguro de si
- 86 67. Religioso (1)
- 87 68. Religioso (2)
- 88 69. Opositor político
- 89 70. Em meio à violência
- 90 71. Ético
- 93 72. Homem de sucesso
- 94 73. Condenado à morte em nome da moral

97 Quinta Parte: O IMAGINÁRIO APÓCRIFO

- 98 74. O imaginário apócrifo
- 99 75. Um imenso acervo cultural
- 100 76. O Evangelho de Tomé
- 101 77. Breve comentário do Evangelho de Tomé
- 103 78. A infância de Jesus, segundo Tomé
- 104 79. O Evangelho de Nicodemos
- 105 80. Cristo vence Asclépio

107 Sexta Parte: MARIA E OS SANTOS

- 107 81. A imagem de Maria
- 109 82. A ascensão da imagem de Maria
- 111 83. Maria soberana
- 112 84. Os milagres de Pedro e Paulo
- 113 85. José e o Deus da Boa Morte
- 114 86. Tecla foge de casa
- 116 87. O cristianismo estoico
- 119 88. O Evangelho de Judas

- 121 Sétima Parte: A QUESTÃO DO PRAZER
- 121 89. O Evangelho de Maria
124 90. O Cântico dos Cânticos
126 91. “Deus é prazer”
128 92. O cristianismo neoplatônico
131 93. Maria Madalena continua problemática
- 135 Oitava Parte: A TRADIÇÃO APÓCRIFA E OS BISPOS
- 135 94. A luta pela ortodoxia
137 95. O que se passa por trás do cristianismo apócrifo?
139 96. A luta a favor da vida

Segunda Seção **MODELOS DE LIDERANÇA**

- 143 Primeira Parte: O MESTRE
- 144 97. A figura do Mestre
145 98. A experiência sinagoga de Paulo
146 99. Mestres convocados às pressas
147 100. O movimento de Jesus abandona o casulo sinagoga
148 101. Mestre João Batista
148 102. Mestre Jesus de Nazaré
149 103. Mestre Tiago
150 104. O Mestre anônimo da Carta aos Hebreus
151 105. Mestre Pedro
152 106. O movimento de Jesus ganha visibilidade
153 107. Os cristãos
154 108. Mestres, profetas e doutores do século II
155 109. Mestre Hermas
156 110. Mestre Valentino
158 111. O Mestre da *Carta a Diogneto*
159 112. Nos caminhos do Oriente
160 113. Pelo Ocidente
- 163 Segunda Parte: O SACERDOTE
- 164 114. A volta do Sacerdote
166 115. A vitória do Sacerdote
168 116. A mulher na sociedade judaica

- 169 117. A mulher na sociedade romana
170 118. Jesus e as mulheres
172 119. A mulher no movimento de Jesus
176 120. O Sacerdote e a mulher
178 121. Os teólogos guardam o silêncio
- 181 Conclusão
DE ONDE VEM O SUCESSO
DO CRISTIANISMO NOS TRÊS PRIMEIROS SÉCULOS?
- 181 122. O debate sobre o sucesso do cristianismo
183 123. A fidelidade ao modelo Jesus
185 124. Beneficiados e beneficiadas
190 125. Serviço social sem exclusividade
192 126. A alegria de Pápias

ANEXOS

- 193 Primeiro Anexo: O Evangelho Q
199 Segundo Anexo: Jesus, quando jovem,
teria trabalhado em Séforis?
201 Terceiro Anexo: Para quem quer estudar mais

PRIMEIRAS PALAVRAS

Você tem em mãos um livro de história, não de teologia. Você sabe como se faz história: 1) em primeiro lugar, procuram-se documentos confiáveis, que tratam de fatos, eventos ou movimentos que ocorreram ao longo dos tempos (os historiadores chamam isso heurística, ou seja, procura de fontes históricas), 2) em segundo lugar, situam-se esses fatos, eventos ou movimentos em seus devidos contextos (o que os historiadores chamam hermenêutica, ou seja, interpretação). É o que se procura fazer neste livro, no qual pretendo descrever em linhas gerais os três primeiros séculos da tradição de Jesus. No plano heurístico, minhas fontes são Cartas, Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Apocalipses, Vidas de santos e santas, Visões e Comparações (parábolas). No plano hermenêutico, procuro situar esses textos em seus devidos contextos históricos, sociológicos e culturais, ao mesmo tempo que presto atenção no imaginário, no enredo (no caso de textos narrativos), assim como na intencionalidade própria de cada escritor.

É nesse sentido que senti a necessidade de incluir no trabalho uma Parte Introdutória, intitulada Saber ler (capítulos 1 a 13), onde sigo uma orientação de Paulo Freire: ler um livro é entrar em diálogo com um escritor (capítulo 1). Como entrar em diálogo com Paulo, Marcos, Mateus, Lucas, João e outros, que escreveram dois mil anos atrás, dentro de um universo cultural que não é mais o meu? Há condições básicas a serem observadas. Tenho de ler criticamente (capítulo 2), saber

que Bíblia é literatura (capítulo 3), que os Evangelhos não são puros relatos (capítulo 4), que palavras não são etiquetas (capítulo 5), que as senhas bíblicas se encontram frequentemente esquecidas (capítulo 6), que o enredo é o fator básico de uma narrativa (capítulo 7), que é perigoso citar frases bíblicas soltas (capítulo 8) e que temos de evitar, a todo custo, a leitura fundamentalista (capítulo 9). Essa parte ainda trata de como funciona a literatura num universo analfabeto (capítulo 10), qual a relação entre palavra e ação (capítulo 11) e entre palavra e libertação (capítulo 12). Ela termina com algumas considerações acerca da expressão “Novo Testamento” (capítulo 13).

Quanto à Primeira Seção do livro, tenho de dizer o seguinte. Você deve ter observado que o título do livro é *Origens do cristianismo*, no plural. A Primeira Seção tem igualmente um título no plural: Tradições. Isso significa que o cristianismo, observado de um ponto de vista histórico, não é singular, mas diversificado. Existe nele uma complexidade que precisa ser tomada em conta. 1) No início, o movimento de Jesus se propagou num mundo de expressão semita (judaica). Mas, bem cedo, a ambientação helenista (grega) penetrou com tanta força que mesmo os Evangelhos foram, então, escritos em grego. Os militantes, mesmo os da primeira tradição, acabaram assimilando muita coisa da cultura grega de sua visão do mundo e da vida. Eis uma primeira complexidade. 2) No final do século II, alguns líderes de comunidades observavam a circulação de textos que, a seu ver, não expressavam a autêntica tradição de Jesus. Mandavam queimar esses textos, nem sempre com bons resultados, pois uma parte dessa literatura apócrifa ficou escondida (em grego, apócrifo significa escondido) e continuou sendo lido e muito apreciado. A existência dessa literatura apócrifa, ao lado da evangélica, constitui uma segunda complexidade a ser considerada. A tradição de Jesus não é só evangélica, ela é igualmente apócrifa. 3) Uma terceira complexidade provém

do fato de que o movimento cristão passou, por um processo que temos de analisar em detalhes, de um modelo rabínico de liderança a um modelo sacerdotal. Os mestres (herdeiros dos rabinos) tiveram de ceder diante dos sacerdotes.

Você deve ter percebido que a classificação acima nem sempre traduz fielmente o que efetivamente aconteceu na história. Você tem razão. Não se pode realizar um recorte categórico entre, por exemplo, uma tradição ortodoxa e outra herética, uma tradição evangélica e outra apócrifa, ou, pior ainda, uma tradição “verdadeira” e outra “falsa”. Pois a história vivida é um amálgama de tradições, um emaranhado a ser desenredado com cuidado, para que não se percam alguns fios. Experiências concretas são múltiplas e complexas, nem sempre cabem dentro de categorias estabelecidas. Acho que é bom alertar sobre isso desde o início.

A Primeira Seção é dividida em oito Partes, quatro dedicadas à tradição evangélica (capítulos 14 a 60) e outras quatro à apócrifa (capítulos 74 a 96). Dei tanto espaço à tradição apócrifa porque penso que ela merece ser mais conhecida e estudada, pois aborda, a seu modo, reflexões praticadas, ao longo de muitos séculos, em torno de dados fundamentais da existência humana: vida e morte, prazer e sofrimento, maternidade e virgindade, universalismo e particularismo, liberdade e compromisso, fraternidade e violência, além de outros. A literatura apócrifa nos permite um *insight* na vida concreta de cristãos do passado, nas mais diversas situações.

Os capítulos 61 a 73 são um *Intermezzo*: colhendo dados dos capítulos sobre Paulo, o Evangelho Q e o Evangelho de Marcos, traço um perfil histórico de Jesus de Nazaré, de caráter provisório. Claro que se trata de algo provisório, pois não analiso os Evangelhos de Mateus, Lucas e João. Só me concentro nos escritores dos anos 50 a 70 e é bom que você tome isso em conta quando se dispuser a ler os referidos capítulos.

Na Segunda Seção do livro (capítulos 97 a 121), focalizo o exercício do poder no movimento cristão. Numa Primeira Parte, descrevo como o movimento de Jesus, de início, herda do sistema sinagoga o modelo do Mestre. Esse modelo surgiu, na tradição judaica, após o Exílio na Babilônia (século VI a.C.), como alternativa ao tradicional modelo sacerdotal templário. Um modelo que estimula a autonomia, a liberdade e a discussão, em contraste com o modelo sacerdotal, de caráter hierárquico e corporativo. As qualidades do modelo sinagoga foram amplamente aproveitadas pelo movimento de Jesus nos primeiros séculos. Nos Evangelhos, Jesus de Nazaré aparece como Mestre (capítulo 102), o mesmo acontecendo com seu irmão Tiago (capítulo 103) e outros. Numa Segunda Parte, exponho de que modo o modelo sacerdotal desbanca o modelo Mestre e se consolida como modelo de liderança até hoje.

A Conclusão do livro (capítulos 122 a 126) faz o balanço do caminho percorrido. Como foi que o cristianismo, em condições adversas (perseguições, hostilidade por parte dos poderes públicos, dificuldades financeiras, precariedade em tudo), chegou a conquistar, num prazo relativamente pequeno, a simpatia do povo, a ponto de se tornar a maior religião do Império Romano e se expandir mesmo fora de suas fronteiras? Os historiadores respondem a essa pergunta das mais variadas maneiras, mas só uma resposta convence plenamente.

O livro contém dois Anexos. No primeiro, copio a primeira redação do Evangelho Q, que contém os principais temas da mensagem de Jesus. No segundo, comento uma indagação que aparece em diversos trabalhos recentes: Jesus, quando jovem, teria trabalhado em Séforis, uma grande cidade em plena construção, a apenas uma légua de distância de Nazaré? Termina o livro com algumas indicações bibliográficas “para quem quer estudar mais”.

INTRODUÇÃO: SABER LER

Paulo Freire ensina que ler um livro é entrar em diálogo com seu escritor. Ler os escritos do Novo Testamento é entrar em diálogo com escritores que redigiram seus textos dois mil anos atrás, dentro de uma cultura que não é mais a nossa. Fica claro que isso não pode ser feito sem algum preparo. Pois textos tão antigos, escritos em contextos tão diferentes dos nossos, só costumam revelar seus segredos quando são lidos com critério.

Nesta Introdução, comento alguns dos requisitos de uma boa leitura do Novo Testamento.

1. SABER LER

O diálogo entre escritor e leitor, para ser satisfatório, tem de obedecer a alguns condicionamentos. Em primeiro lugar, o leitor não pode ficar totalmente passivo e assimilar sem crítica tudo o que está lendo. Quem abre um Evangelho e começa a ler já tem conhecimentos prévios, que contam na avaliação do texto que está lendo. Não é como na escola, onde o professor passa ao aluno informações novas, desconhecidas por este último. O professor ensina, e o aluno ouve. Mas, quando se lê um livro que trata de experiência da vida (como os Evangelhos ou as Cartas de Paulo, por exemplo), a relação não é de professor que sabe e aluno que ignora. Na vida nunca somos apenas alunos, ignorantes que têm de escutar o mestre. Sempre

temos uma experiência de vida, sempre reagimos diante do livro: gostemos ou não, concordemos ou não, ficamos emocionados ou rejeitamos o que estamos lendo.

Ler o Novo Testamento (como ler a Bíblia em geral) é um desafio. Este livro quer ser uma ajuda que facilite nosso diálogo com escritores antigos, desde muito falecidos, mas que deixaram textos que nos desafiam.

2. LER CRITICAMENTE

É uma ilusão pensar que, quando abrimos o Novo Testamento para ler, estamos prontos para dialogar com o escritor antigo. Normalmente, já temos alguma ideia do que, assim pensamos, o texto quer dizer. Já escutamos esse texto numa aula de catecismo ou de religião, num sermão, num programa de televisão, dentro de determinada interpretação. Isso ficou gravado em nossa mente, mesmo sem que tomemos consciência disso. Nossa mente registra informações recebidas ao longo da vida e isso influencia a leitura que hoje pretendemos empreender. O que escrevo aqui vale para a leitura da Bíblia em geral, não só do Novo Testamento. Vale lembrar que, durante séculos, só pregadores autorizados pela Igreja explicaram a Bíblia ao povo e que essas explicações ainda ficam gravadas em nosso subconsciente. Quem quiser ler a Bíblia com proveito tem de ficar alerta diante desse dado.

3. A BÍBLIA É LITERATURA

A Bíblia não caiu do céu. Ela foi elaborada por escritores. Ora, o escritor é um criador de palavras. A Bíblia é literatura, ou melhor, uma coletânea de textos literários elaborados ao longo de mais de mil anos. A história da redação

da Bíblia começa com as antigas tradições do povo hebreu, contadas durante séculos em comunidades rurais hebraicas, que eram majoritariamente analfabetas. Histórias de Adão e Eva no Paraíso, da Torre de Babel, do grande Dilúvio, da saga de Abraão e dos Patriarcas, além de muitas outras. Histórias contadas por gerações, de pai a filho, de mãe a filha. A partir do século VI a.C., quando os letrados do Templo de Jerusalém voltaram do exílio na Babilônia, eles se interessaram por essas histórias, pois percebiam que a transmissão letrada dessas tradições podia fortalecer a identidade cultural do povo hebreu, tão explorado por potências estrangeiras. Assim nasceu o Pentateuco, a coleção de cinco Livros que constituem o núcleo central da Bíblia. Esses letrados (também chamados escribas) transformaram narrativas populares em literatura, lhe deram roupagens estilísticas em conformidade com os usos literários da época e recorreram a diversos recursos de elaboração literária, conforme os talentos de cada um.

4. O EVANGELHO NÃO É PURO RELATO

Desse modo, vale dizer que os Evangelhos são composições literárias, não puros relatos. Os evangelistas colocam Jesus em cena, a partir de informações orais frequentemente desconexas, permeadas de impressões nem sempre correspondentes ao que efetivamente aconteceu com Jesus, imagens, exageros, dramatizações. Tais informações orais acompanham a rápida expansão do movimento de Jesus nas primeiras décadas após sua morte. Em pouco tempo, o movimento já se ramifica fora da Palestina e se faz presente em alguns dos grandes centros urbanos do império romano: ao norte em Antioquia da Síria, a terceira cidade do império em número de habitantes, onde residem as legiões que controlam a fronteira oriental do

império; ao sul em Alexandria do Egito, a segunda cidade mais importante, celeiro do trigo que alimenta o império, onde 40% da população são judeus. Mesmo na longínqua Roma, a capital do império, que na época conta aproximadamente um milhão de habitantes, há seguidores de Jesus. É nessas cidades que temos de procurar os evangelistas: Marcos escreve provavelmente em Roma (por volta do ano 70), João provavelmente em Éfeso, trinta anos mais tarde. Esses escritores não ouvem as mesmas histórias acerca de Jesus, pois os informantes vivem em lugares distantes entre si. Assim, compreendemos que existem diferenças entre os Evangelhos. Existem informações no Evangelho de Marcos (redigido por volta do ano 70) que não se encontram nos Evangelhos de Mateus e Lucas (redigidos dez anos depois). O Evangelho de João, do ano 100, contém informações precisas, que faltam nos Evangelhos anteriores. Além disso, Marcos não é Mateus, que não é Lucas nem João. Cada um dos quatro evangelistas tem seu estilo próprio, seu modo peculiar de escrever.

5. PALAVRAS NÃO SÃO ETIQUETAS

Palavras não são etiquetas coladas em cima de coisas. Disso resulta que, para entender um discurso, o mais importante não é entender a palavra em si, mas o que a palavra significa. O significado de uma palavra não é algo fixo, imutável. Quando um contexto muda, o sentido da palavra também muda. O vocábulo não significa mais o mesmo. Palavras como, por exemplo, “apóstolo”, “bispo” ou “igreja”, nos primeiros escritos do movimento de Jesus (entre os anos 50 e 70, como as Cartas de Paulo e o Evangelho de Marcos), se referem à estrutura sinagoga judaica em que o referido movimento se “hospedou” naqueles tempos. E, como hoje o cristianismo não é mais sinagoga, o sentido dessas três

palavras já não é mais o mesmo como no tempo de Paulo e Marcos. Para ver claro nesse ponto, é bom lembrar-se sempre que palavras não são etiquetas, que elas só têm sentido “em contexto”, ou seja, dentro de situações concretas, que mudam com o tempo e com os lugares.

Para ler os Evangelhos com proveito, e principalmente para evitar uma leitura fundamentalista dele, é bom prestar atenção a três fatores que caracterizam uma obra literária. Fazer literatura é: 1) trabalhar com metáforas; 2) construir um enredo; 3) obedecer ao princípio do contexto. Sobre cada um desses pontos vai aqui um capítulo.

6. A METÁFORA

A palavra, em última instância, é uma metáfora, ou seja, um sinal convencional. Isso provém do fato de que os seres humanos não pensam por meio de fórmulas lógicas com valores absolutos, mas por meio de palavras mais ou menos adequadas, ou seja, por metáforas. A língua humana é basicamente feita de metáforas, embora não costumemos tomar consciência do fato. É maravilhoso pensar como nosso cérebro recolhe os sinais que os cinco sentidos lhe transmitem e os “transfere” ou “transporta” à nossa língua. O cérebro “transfere”, ou seja, transforma em metáfora. A palavra que nossa língua pronuncia é um sinal “transferido”. Eis a maravilha da linguagem humana. Mas estamos tão acostumados a usar metáforas em nossa linguagem do dia a dia que nem prestamos atenção nesse fato básico. Dizemos: “ele é um gigante”, “ela é um tesouro”, “tem um coração de ouro” etc. Mesmo as palavras mais teóricas dos filósofos (p. ex., “substância”, “acidente”, “metafísica” etc.) são metáforas. Os Evangelhos estão repletos de metáforas: “Vocês são a luz do mundo” (Mt 5,14); “Eu sou o bom pastor” (Jo 10,11); “Eu sou a luz” (Jo 8,12).

Pelo que escrevo aqui, dá para compreender que captamos com facilidade as metáforas que circulam dentro de nossa área cultural, uma vez que nossa mente considera seguro aquilo que combina com informações prévias. Porém, quando estamos diante de um universo cultural que nos é estranho, experimentamos dificuldades. É o que acontece quando lemos a Bíblia, cujas histórias provêm de uma cultura que não é mais a nossa. Sara concebe um filho aos noventa anos de idade, Sansão perde sua força quando a mulher lhe tira a barba, Jacó ganha a bênção paterna ao invés do irmão mais velho, Daniel anda ileso na cova dos leões. Como entender? Se eu quiser acessar o *blog* de um amigo, escrevo uma senha. Mas, caso tenha esquecido minha senha, tenho de tentar recuperá-la. É o que acontece quando lemos a Bíblia. Em muitos casos, esquecemos ou perdemos a senha, de sorte que não entendemos mais o sentido das palavras. O jeito consiste em procurar o sentido original das metáforas bíblicas, e isso pede estudo, paciência e tenacidade. É no sentido de ajudar a recuperar senhas perdidas na leitura da história do cristianismo que escrevo este livro.

7. O ENREDO

Não há narrativa sem enredo. Os Evangelhos são narrativas, histórias contadas e só depois anotadas por escrito. Deve-se descobrir o enredo de uma narrativa para entender seu sentido. O evangelista Marcos, por exemplo, não relata simplesmente histórias acerca de Jesus de Nazaré, ele tece uma trama que vai desde a aparição de João Batista no Jordão até o sepultamento de Jesus em Jerusalém. A trama inicia-se com o anúncio da vinda extraordinária de um ser divino à terra. Causa estranheza ver essa mesma

figura divina, no versículo 16 do primeiro capítulo, andar à beira do mar da Galileia, galileu entre galileus, campos entre camponeses. Terrestre e extraterrestre ao mesmo tempo. Eis a trama do Evangelho de Marcos. Os ouvintes querem saber mais sobre essa figura que, como eles, é da terra, mas que, ao mesmo tempo, é proveniente do céu. O entrelaçamento entre terrestre e celeste, visível e invisível, normal e milagroso, está na base do sucesso do Evangelho de Marcos, posteriormente imitado por outros. Em Marcos, Jesus permanece enigmático, nunca se sabe ao certo o que vai fazer ou dizer. Seu Evangelho é o trabalho de um escritor habilidoso, não de um simples colecionador de dados (como se tem dito tantas vezes). Sob o impulso da abordagem narrativa (*the narrative approach*) e da análise literária, os biblistas começam a reler os Evangelhos em sua qualidade de obras literárias.

8. O CONTEXTO

Um perigo iminente ronda a leitura bíblica em nossos dias. Consiste em ler a Bíblia como se fosse um amontoado de frases soltas. A pregação cristã de hoje se resume basicamente na leitura e no comentário de frases soltas, extraídas da Bíblia. Ora, uma frase solta pode sempre ser interpretada segundo o bel-prazer do pregador. Frases só ganham sentido quando situadas em contexto. O discurso não é uma construção feita de frases, não é como a casa que se constrói juntando tijolos. O que dá sentido a um discurso é seu funcionamento dentro de determinadas condições de tempo, espaço, cultura e intencionalidade, ou seja, dentro de contextos concretos que lhe proporcionem um sentido. O sentido de um discurso muda quando o contexto não é mais o mesmo. Diante da frase de Nietzsche “Deus está morto” (*Gott ist tod*), a primeira coisa a se fazer

é situar essa frase dentro de seu devido contexto, ou seja, ler o livro ou a parte do livro em que aparece essa frase, até captar devidamente o que o filósofo quer dizer com uma frase como esta.

9. A LEITURA FUNDAMENTALISTA

Ao longo de muitos séculos, a Bíblia não foi considerada literatura, sendo vista como um oráculo divino imutável. Essa ideia está na base do fundamentalismo endêmico da tradição cristã. Efetivamente, demorou muito antes que aparecesse quem enxergasse na Bíblia textos literários. Só no século XVII se deram os primeiros passos no sentido de reconhecer o caráter propriamente literário dos textos bíblicos e de praticar uma “boa” leitura das Escrituras Sagradas. Isso tudo em meio a hesitações, inseguranças e muito medo. O pioneiro foi o filósofo judeu-holandês Spinoza, que teve a coragem de destronar Moisés como autor dos cinco primeiros livros da Bíblia (o chamado Pentateuco) e afirmar que os livros bíblicos que contam a saga dos patriarcas são construções literárias compostas ao longo de séculos. No início e ainda durante muito tempo, a afirmação de Spinoza causou espanto geral, mas é hoje consenso entre exegetas. Não se verifica o mesmo entre o povo cristão, que continua praticando uma leitura fundamentalista da Bíblia, e nisso encontra, infelizmente, apoio por parte de não poucos pregadores.

10. LITERATURA E ANALFABETISMO

A Bíblia faz é algo peculiar na história da literatura. Nesta, a norma é que letras circulem entre letrados. Os letrados gregos, por exemplo (que estão na origem de nossas

atuais filosofias) desconhecem o universo escravo, julgado indigno de ser analisado por filósofos. Com isso, a filosofia antiga não pensa em analisar o próprio “motor” do sistema em que ela se move, que é a energia escrava, tanto no trabalho físico como nas produções imaginárias. A filosofia grega afirma corretamente que o mundo tem de ser investigado, descrito e conhecido de forma objetiva, mas incorre num erro fundamental quando prejulga que o ignorante (leia: escravo) não pensa e, portanto, não está em condições de colaborar com um conhecimento melhor do mundo e da vida. No famoso diálogo “A República”, da autoria de Platão, por exemplo, assistimos a uma discussão exaustiva sobre o melhor governo dentro de um círculo seletivo de pessoas amantes da sabedoria. De vez em quando, um escravo enche as taças de vinho. Em nenhum momento, algum participante do grupo seletivo tem a ideia de pedir a opinião desse escravo acerca desse “melhor governo”. Será que ele não tem nada a dizer sobre o assunto?

Aqui, a Bíblia ocupa um lugar isolado. Ela é redigida para ser lida diante de auditórios de analfabetos, e isso muda tudo: os temas, a abordagem dos temas, os questionamentos, as reflexões. Quem escreve para analfabetos escreve de modo diferente de Platão, que pressupõe que o escravo não tenha nada a lhe dizer. No tempo de Jesus, 95% da população da Palestina é analfabeta e a situação não deve ser muito diferente em outros lugares. Quem escreve para analfabetos tem de valorizar a cultura de seus ouvintes, seu jeito especial de se comunicar e de se maravilhar com milagres e feitos extraordinários. Nisso, a cultura analfabeta é de uma criatividade que supera de longe a cultura que circula entre letrados. A imaginação fica mais solta, menos controlada por conveniências. O evangelista Marcos conta, em tom dramático, que Jesus anda sobre as águas e que os apóstolos ficam espantados. A narrativa corre solta e as imagens não são censuradas por alguma razão instrumental.

11. PALAVRA E AÇÃO

Afinal, as histórias bíblicas servem para incentivar as pessoas a agir. São instrumentos de educação popular. Essa foi a intuição do grupo de letrados em torno de Esdras, no Templo de Jerusalém, na volta do exílio na Babilônia (século VI a.C.), que compreenderam que importava contar a história do povo e de suas lutas, mais que registrar a história de imperadores e reis, como fazem os letrados das cortes imperiais. É dentro dessa perspectiva que o Livro do Gênesis conta as migrações intermináveis de Abraão e o Livro do Êxodo aborda a sensacional saída, sob o comando de Moisés, dos hebreus escravizados no Egito. Histórias contadas e recontadas, que fizeram com que outros decidissem meter-se no caminho e, por sua vez, sacudir o jugo da escravidão.

É na perspectiva da ação que Jesus diz ao povo: “Quem ouve minhas palavras sem colocá-las em prática é como o bobo que constrói sua casa sobre a areia” (Mt 7,26); “os letrados e fariseus sentaram-se na cadeira de Moisés. Façam o que eles lhes dizem, mas não olhem para o que eles fazem, pois eles dizem uma coisa e fazem outra” (Mt 23,2-3). Ele tem as palavras mais duras contra os que dizem, mas não fazem: “Vocês são túmulos de cal. Por fora, uma beleza. Mas, por dentro, um monte de ossadas e detritos. Vocês são assim: justos aos olhos dos outros, mas falsos por dentro e depravados” (Mt 23,27-28).

12. PALAVRA E LIBERTAÇÃO

A palavra mais importante é a que liberta. É a palavra de Moisés, que você pode ler no Livro do Êxodo. De um lado, o Faraó do Egito, o homem mais poderoso do mundo; do outro lado Iahwh, o pequeno Deus tribal que fala em nome de um agrupamento de escravos de Goshem (Gessem:

Gn 45-49 e Ex 8-9). O porta-voz desses escravos é um pastor chamado Moisés, nascido em Goshem, no Egito, como filho de escravos e que sobrevive à ordem do Faraó, que manda matar todas as crianças de sexo masculino, porque sua mãe o deposita no rio Nilo dentro de um cesto de papiro. A filha do próprio Faraó encontra a criança e a educa como seu próprio filho. Mas acontece que, já adulto, Moisés fere de morte um egípcio que matou um companheiro seu. Foge para longe e se torna pastor de ovelhas, quando Iwhw lhe aparece num arbusto em chamas:

Eu vi a miséria de meu povo,
ouvi o clamor dele,
pois conheço as suas angústias.
Por isso desci a fim de libertá-lo
da mão dos egípcios (Ex 3,7-8).

Aqui se revela um Deus que foge inteiramente ao esquema tradicional, não fica sentado no trono celeste, alheio ao sofrimento humano, mas ouve o clamor dos escravos hebreus e sensibiliza-se por suas angústias. Desce do céu, decidido a libertar o povo escravo da mão dos egípcios e encontra em Moisés seu colaborador. Suas palavras são tão fortes que despertam em Moisés a coragem de enfrentar o próprio Faraó. Com incrível coragem, Moisés ameaça o Faraó com pragas vindas do céu. De início, o Faraó não dá muita atenção a essas ameaças, mas, quando elas se realizam de modo devastador (as dez pragas do Egito), ele finalmente cede e deixa os escravos hebreus saírem do Egito.

A narrativa desse feito extraordinário corre no meio do povo durante séculos, de boca em boca, em casa e ao longo do caminho, nos intervalos do trabalho no campo, nos santuários, nas lojas e nas oficinas. Finalmente, no século VI a.C., os letrados do Templo de Jerusalém a registram por escrito. Ela constitui o núcleo central da Torá, “a palavra de Deus dirigida aos hebreus”. É uma palavra que liberta.

13. O NOVO TESTAMENTO

Os cristãos costumam dizer que o Novo Testamento é uma coletânea de textos, em continuação ao Antigo Testamento. Acontece que o termo “testamento” significa “aliança”. É nesse sentido que se compreende em que sentido os primeiros militantes do movimento de Jesus falaram em “testamento”. Depois da aliança por intermédio de Abraão e Moisés, Deus faz uma aliança por intermédio de Jesus. Há sucessivas alianças (ou tentativas de aliança) entre Deus e a humanidade. O profeta Jeremias, no tempo do exílio babilônico, explica a seus companheiros desterrados o que significa “nova aliança”. No capítulo 31 de suas profecias, ele faz ponderações que causam muita estranheza, pois vão na contramão do que muitos pensam. Enquanto muitos lamentam a falta de sacerdotes para executar os ritos, do Templo para rezar, do Santo dos Santos para guardar as tábuas da Lei, Jeremias pensa o contrário. Onde falta o Templo com seus ritos, suas preces e cerimônias, onde faltam sacerdotes, preceitos e regulamentos, dietas e jejuns, ali aparece com clareza o que realmente importa:

Eis que aparecem os dias
em que estabelecerei uma Nova Aliança (um Novo Testamento):
as leis inscritas no entendimento,
gravadas no coração.
Ninguém terá de ensinar mais nada,
pois todos me conhecerão (Jr 31,31-34).

A nova aliança não tem prescrições, pois suas leis estão “inscritas no entendimento, gravadas no coração”. Nada de formalidades religiosas e, a rigor, nada de ensino. “Ninguém terá de ensinar mais nada.” Todos sabem o que fazer, “todos me conhecem”. Que cada um(a) se responsabilize pelo que faz, pois todos e todas recebem a mesma mensagem, independentemente de raça, sexo, cultura, situação política,

social ou econômica. É verdade, como mais tarde lembra a Carta aos Hebreus no capítulo 11, que todos e todas vivemos uma vida repleta de dificuldades, migrações, errâncias, injustiças e violências, e todos morremos “sem ter obtido o que Iwhh nos prometeu”. Mas vivemos a nova aliança, ou seja, uma vida baseada na escuta da palavra de Deus “inscrita no entendimento, gravada no coração”. É nessa perspectiva “neotestamentária” que passo a descrever, ao longo de 79 breves capítulos (de 14 a 93), algumas das tradições de Jesus relativas aos três primeiros séculos da história cristã.